

EDUCAR PELO AMOR – RIGOROSIDADE E DISCIPLINA NO TAMANHO CERTO

Profª Ms Denise Bruno Lombardi Fonseca

denibru2205@yahoo.com.br

dedicado à escola de meu neto Julio “Geração 2000”

RESUMO

Hoje o mundo passa por uma transição indescritível, acerca de sua condição emocional. As competências que desenham a liberdade de escolha, assim como a identificação do mundo como espaço coletivo vive em dicotomia à esperança de crescimento espiritual, tendo em vista que a “sobrenaturalidade” está naquilo que perdemos a capacidade de indignação. Não é possível deixar de contextualizar a escola, como um dos espaços de aprendizagem que, nesse momento se torna a referência para muitas crianças no mundo moderno. Temos a percepção que a família sendo o espaço primeiro, para o acolhimento infantil deixa também nesse tempo, de ser a referência única na construção de valores, e dessa forma antes de identificar quem é mais ou menos responsável, há crianças crescendo e precisando de exemplaridade. O presente artigo pretende encaminhar reflexões que contribuam para educadores, sejam eles de qualquer área, para repensar espaços educativos, programas escolares frente à modernidade que chega sem pedir licença.

ABSTRACT

Today the world goes through a indescribable transition about its emotional condition. The ones responsible for that are outlining the freedom of choice as well as the identification of the world as a collective space live in dichotomy hoping for a spiritual growth, seeing that the “supernaturalness” begins with the ability to show indignation. It's not possible don't put the school into context as a place of learning that right now is the reference for a lot of children in the modern world. We've the impression that the family being the first place, the care of children turn out to be at that time the only reference in the construction of standards and because of that there are children growing up without it and because of that they're need examples. This article intend to make reflections that can help the educators, of any area, to rethink educational spaces, school programs as good as this modern world demands.

PALAVRA CHAVE

Pedagogia, Amor, Afetividade, Autonomia e Programas Escolares.

KEYWORD

Pedagogy, Love, Affection, Autonomy and School Programs

1. Contextualizando as Histórias

Se retomarmos o caminho histórico será perceptível, como as famílias anteriormente constituídas exerciam seu papel social de forma diferente aos dias atuais. A família era um grupo social, em que a principal preocupação estava na manutenção da casa, aliada com a criação esmerada dos filhos, todavia, quando abordamos à situação esmerada queremos dizer sob a ótica moral, em que pese os valores críticos, assim como o peso ético do século. Ainda tratando, sobre os aspectos que alinhavam esse contexto temos o pátrio poder constituído, e valor de somenos importância da mulher e das crianças, no que tange aos caminhos decisórios. Nessa postura a educação dos filhos cabia à mulher que era também instruída para a maternidade e os afazeres domésticos. Sem entrar em juízo de valores para o cenário da época, assim era qualificada a mulher em sua docilidade e expectativas de bem cuidados com a família. Era sim auxiliada por pessoas tão igualmente dedicadas e que contribuía, para que isso realmente ocorresse. Para reflexão há que ser feita a consideração de quanto a arte aproxima o espírito criador, à compreensão de mundo e visão de ser humano, isso muito contribuía, para a concepção materna da sua própria criação.

Quando no parágrafo anterior destacamos o aspecto “docilidade” o texto pretende refletir acerca da educação, que ora estava disponível para as mulheres, em que se destacava a fineza de conteúdo, o desenvolvimento das habilidades pela competência na música, e, sobretudo, pela grande colocação da mulher, para compreensão lógica de sua família, sem que fosse necessário emergir o esteio na condução exitosa.

No cenário do século XIX, para o XX temos ainda a influência de grandes mulheres, para além da medida doméstica, que ousaram mesmo em sua condição relegada, a dar mostras de que o sexo feminino pode ir além da educação para o afeto, pode também usar as competências sociais, e escrever assim um novo rumo para história.

Rodrigo da Cunha Pereira aduz em seu pensamento que:

“A influência ou autoridade da mulher era quase nula, ou diminuída de toda a forma: não se justificava a mulher fora de casa. Ela estava destinada a inércia e a ignorância. Tinha vontade, mas era impotente, portanto, privada de capacidade jurídica. Consequentemente, na organização familiar, a chefia era indiscutivelmente do marido. Este era também o chefe da religião doméstica e, como tal, gozava de um poder absoluto, podendo inclusive vender o filho ou mesmo matá-lo.”(apud in *Michele Amaral Dill, Thanabi Bellenzier Calderan*)

O mundo então vive a transição de uma era pós-moderna, em que os aspectos românticos e de sentimento, liga àquilo que é popular. A mulher toma outro espaço e lugar.

Mudanças estabelecidas, a afeição deve voltar a ser o fio condutor, e assim os casamentos estabelecerem-se, pelos vínculos do amor. Aproveitando essa constatação queremos lançar uma de nossas reflexões acerca da temática central, sobre a educação pelo afeto. Qual é a medida do amor em uma família? Qual o papel dessa mesma família em relação ao seu *empoderamento*, e consequentemente a emancipação, liberdade e confiança entre si? O estado de pertencimento alimenta as expectativas em relação ao bem estar, e também a forma criativa para solução de seus problemas. A busca pela felicidade reside num contínuo movimento e exercício de amor.

Para todo tipo de mudança há necessidade de dois elementos principais: O querer mudar, e o estar disposto a acompanhar a mudança, quando isso não acontece temos um grande descompasso na estrutura física, social e emocional. Na década de 50 as mulheres adentraram com maior efetividade ao mercado de trabalho. Tomaram contato com esse universo, até então estranho para suas mães, de sua vida enquanto

filhas. Como então doravante amar seus filhos, sem ter que conviver com a culpa de os abandonarem, e como conviver com suas fragilidades e frustrações deixando de amar a si mesmo? Havia se estabelecido um novo dilema social, em que muitas respostas até hoje buscam soluções. A autonomia familiar vem para conduzir o homem, ao seu estado maior de clareza, de leitura e visão de mundo. A Democracia impele o indivíduo a protagonizar sua história, mas também requer a (re) avaliação continua de sua postura. Quando muitos pensam se tratar de óbice ao crescimento a responsabilidade, a democracia dá vida real e anima o corpo físico e espiritual. A anomia somente dará certo às famílias que estiverem fadadas ao assistencialismo.

1.1 Mudança da Categoria Sociológica para Jurídica

Durante o século XX, partindo-se da concepção genérica “menor abandonado”, terminologia oficial, inúmeras outras subcategorias acabaram incorporadas, todas, porém, intimamente comprometidas com o viés *assistencialista*, marca da situação irregular.

O ser humano é um animal que possui capacidade mental para administrar conhecimento em seu papel sócio histórico. Contudo, deve-se ter uma constante reflexão sobre sua práxis.

Após a interrupção pela ditadura militar (1964-1985), retoma o Brasil, no final da década de 80, o caminho democrático, evoluindo, em face do direito da criança e do adolescente, rumo à consagração da doutrina da proteção integral. A partir de 1988 a família recebeu um desenho diferente, tendo como formato, o chamado núcleo familiar. Ainda dando prosseguimento ao processo de redemocratização em 1990 revoga-se a concepção tutelar, e o protagonismo infanto juvenil é consolidado pela Doutrina de Proteção Integral e Geral de Direitos.

Ainda dando repercussão ao eco provocado em nossa discussão, e em relação à posição da mulher na família seria interessante, antes de passar à outra ideia lembrando a citação de (MALUF; MOTT, 1998, p. 385). “*Sejamos como a árvore poderosa arraigada ao solo, imutável, idêntica a ela mesma, procuremos no lar o ser estável que nenhum acontecimento pode abalar.*” Quando percebemos a profundidade sentimos a grandeza desse espaço coletivo em evolução, e apensando a reflexão de Danielle Ardaillon na obra “O salário da Liberdade: profissão e maternidade,

negociações para uma igualdade na diferença”, alguns aspectos em relação às demandas de problemas que são levados do trabalho, para casa, local em que continua o serviço de tempo integral fica claro que, o fio condutor exhibe sua ligação entre as partes, e tem na contrapartida de tarefas que, as mesmas não podem ser abandonadas. Cresce a dúvida acerca da dedicação e amor à família, pois muitas vezes o vínculo empregatício traz nele, a característica de sustento para esse grupo, e não tão somente a realização pessoal e profissional. Para (ARDAILLON, 1997, p. 34) o trabalho externo, a condição de profissionalização da mulher é algo nesse momento “individualizador”. Surge nova preocupação, na qual a temática deverá ser abordada nos próximos capítulos. Como pensar a educação dos filhos no cenário de mudanças? Os paradigmas foram alterados? Que necessidades se tornarão prioridades? Qual será o papel da Família, junto às outras entidades que contribuirão nessa trajetória?

2. Escolha de novas possibilidades

A palavra aprender hoje é difundida e discutida, sob a ótica da transversalidade. Não mais se frequenta escolas, para aquisição de conteúdos, todavia, para o conhecimento e novas aprendizagens é que se busca a ação social do aprender. A troca de experiências deve ser algo que devemos buscar na excelência das ações pedagógicas, nos planejamentos que construímos na medida, em que esse conhecimento não deve residir apenas, nos conteúdos acadêmicos, mas no *currículo oculto* principalmente.

Como falar em novas aprendizagens, se muitas vezes o que se pretende discutir nunca fora experienciado, nunca fora estudado, ou nunca esteve em nosso universo de prazer? Paulo Freire (2009) propõe a reflexão, sobre a grandeza e a mágica do aprender. (...) *A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (..)*. Nesse sentido podemos nos reportar à primeira questão, que fechou o primeiro capítulo. A educação dos filhos é de responsabilidade dos pais, da família responsável, porém na dinâmica desse olhar coletivo, em que compartilhamos experiências e aprendemos a todo instante, o ensino, a educação que se programa é, sobretudo, daqueles a quem elegemos como coparticipantes no processo de educação, àquilo que encontramos no processo da busca, daquilo que

nos torna alegres, a ponto de compartilhar essa boniteza. Então talvez mais difícil, não seja separar-se dos filhos, por algumas horas, mas encontrar essa alegria, esse achado encantador nas instituições de ensino, quando na tarefa do compartilhar sonhos dividimos com o coletivo.

Ensinar e aprender são verbos de sentimentos muito próximos. Não posso ensinar se não aprendo se não sinto se não vejo razão na tarefa. Atualmente há algo que o pensamento de pais, educadores estudiosos da temática em educação comungam, é aquilo que chamamos de universo escolar. Como querer semear boas sementes, quando não se tem a terra preparada, ou não é tempo de plantar. Educar é acreditar, é saber que a possibilidade está consignada a vontade, em que a tolerância, mais que tudo é a condutora do entendimento, e sem utilizar do recurso da demagogia, a revolta sobre o sistema de ensino é muitas vezes a justificativa que faltava para a ação de abandono. Chegará o tempo em que as emoções terão se dissipado, e nada mais que se aprenda será encantador, não existirá descoberta, apenas haverá a ação mecânica de aprender. A pergunta *mister* é: Quando percebemos o mundo e nele não nos encontramos, que relação de pertencimento desenvolvemos? Naturalmente a agressividade, a manipulação, a violência, não se somam apenas frente aos elementos apontados, contudo, tais elementos são geradores de uma população individualista, onde quem pode mais é aquele que tem mais, mas nem sempre aquele que tem mais conhece mais, e nessa perspectiva usaremos um recurso freudiano, sobre o poder, o poder real, que advém do conhecimento, quando, esse conhecimento é capaz de transformar, e mudar o evidente, não pelo prazer do poder, mas pela necessidade

O tempo em que vivemos é marcado pela intensa atividade intelectual, sobretudo, as ações desempenhadas estão aliadas à indiferença moral. Pensar no homem que estará à frente de uma nação daqui vinte anos, não é mera ilusão. A escola não mais prepara líderes, pessoas que agreguem nações, diferentes povos, hoje a escola prepara crianças e jovens, para o emprego do futuro, a condição social, que poderá trazer benefícios materiais. Não há nada de contraditório com a ambição, o que há de insatisfatório é não permitir às crianças e jovens a escolha, pelo conhecimento. O discurso que torna hipócrita em nossas ações pedagógicas é aquele que vem sendo repetido, quase da mesma forma. “(...) *Não quero que meu filho seja como eu(...)*”, “(...) *Não quero que meu filho passe pelo que passei(..)*”, “ (...) *Vou dar tudo de bom, tudo que eu não tive(...)* “. Essas frases que certamente algum de nós já ouviu, tem grande dimensão precária moral, porque ao mesmo tempo, que dizemos

àqueles a quem educamos que não somos exemplo justificando que, o fracasso advém da falta de luta, por aquilo que desejávamos, ou ainda, por outros motivos piores confundimos suas escolhas. Isto seria o mesmo que dizer, porém sem palavras... esqueçamos os valores, a cultura, e sigamos em direção ao que nos trará “benefícios”. E esse tem sido um momento nevrálgico, em que a família destina a escola a tarefa de educar, o que não pode ocorrer. A cultura de massa começa, quando a escola mistura a facilitação do conhecimento.

3. O lugar da Afetividade

De acordo com (DIAS, Marli M. 2007), alunos que apresentam agressividade, baixa autoestima, desmotivação para aprender, e como consequência um rendimento escolar abaixo do padrão desejado, muito provavelmente, tais problemáticas do cotidiano escolar são de crianças, que mesmo tendo famílias vivem em situação de “abandono” pelos pais, e tendem a não confiarem em si mesmos como também nos outros. Nas atividades em conjunto os mesmos apresentam um comportamento agressivo, com pouco interesse para desenvolverem as atividades propostas, dentro e fora da escola, mais sentimentos negativos que positivos. Falamos de crianças que apresentam dificuldade em sair da angústia, ficam irritadas e ou assustadas diante de situações difíceis. Um situação que, como em Fernandes: “Se alguém não se investiu de amor, não poderá dá-lo a outro” (1990, p.163), a energia que constitui essas pequenas vidas são de grande carga negativa.

Com o cotidiano atual, e assim a necessidade de busca pela manutenção da família, a mulher aparece em outro cenário, que muda o perfil da família, e (re) inventa a forma social de composição familiar. Frente às mudanças ocorridas a mulher tem de planejar a estrutura de suas diversas funções e responder a elas de forma a contento, o que tem sido muito difícil. A posição do homem nesse grupo precisa ser repensada, pois ainda há valores arraigados, que impedem a participação e o compartilhamento das tarefas e ações, quando muitos se tornam expectadores do processo. O tempo urge, e o produto da união e composição familiar, que são os filhos que, crescem, e carecem de modelos, exemplos, orientação em relação ao seu lugar no mundo, e em seu primeiro grupo social dependem também da organização e principalmente dos laços de afeto, que os conduziram para saída e conhecimento desse mundo externo. Dessa forma compreender, a importância da família para

construção desses laços de afeto é o mesmo que fazer um retorno à alma e nessa viagem procurar os próprios laços de afeto. Só aprendemos amar, amando, e nesse simples exercício, as ações e demandas tornar-se-ão mais fáceis, pois não serão feitas de forma obrigatória, nem tampouco de forma mecânica. Nasce então, a preocupação com as diferentes aprendizagens e modelos, com os quais os filhos passarão a conviver, e nesse sentido as escolas atuais estão pouco preparadas, suas propostas pedagógicas estão truncadas em si mesmas.

Segundo Saltini (2002, p.15) As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor, do que de conteúdo e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.

Para Piaget, “o pleno desenvolvimento da personalidade, sob seus aspectos mais intelectuais, é inseparável do conjunto dos relacionamentos afetivos, sociais e morais que constituem a vida da escola” (1994, p.61). Em referência à epistemologia genética perseguindo a ideia tratada, o conhecimento é produzido graças a uma interação do indivíduo com o seu meio, de acordo com estruturas que fazem parte do próprio indivíduo.

Em entrevista à Direcional Educador, Claudio Saltini destaca algo que deve ser levado com atenção, para escolha de escolas, assim como de escolas para novas escolhas. Ele menciona que, durante sua educação as emoções não foram levadas em consideração. E depois, em sua formação e estudos descobriu que, a maior parte das neuroses do ser humano deriva da idade em torno de dois a seis anos, justamente porque a emoção da criança não é levada em consideração. A criança precisa ser ouvida, porque antes mesmo de falar ela já se comunica. Mas é uma comunicação que só é captada pela mãe. Na hora em que a criança começa a falar, a fala não tem significado nenhum, nem para a mãe, nem para a escola, nem para a família. Ela sofre para poder começar a penetrar no mundo em que vive. Esse fato de que a criança não é valorizada, e não é ouvida traz para seu universo um aprisionamento, um isolamento. A escola não está lá para o aluno decorar equações e datas, mas para ele lidar com o mundo em que vive. E isso sem nos esquecermos de que tudo deriva do nosso pensamento.

Para o desenvolvimento do pensar é preciso que estejamos estimulados a tal. É necessário que ativemos o cérebro órgão responsável pelo pensar, decidir e escolher. Sem amor as escolhas terão suas premissas dentro de uma zona materialista.

Quando nos encaminhamos ao próximo capítulo observamos mais uma questão séria acerca do lugar que ocupa a afetividade em nós. O amor é a representação e apresentação do estado solene de espírito que o homem se encontra, portanto não podemos encontrar animação todos os dias em que vivemos, mas ao contrário do que se estabelece viver no amor não é ausência de dor, mas de como enfrentamos esses momentos, ou seja, a exemplaridade aos filhos e alunos não está naquilo que sofremos, pois o viver nos impele a essas experiências, mas sim na forma pela qual transitamos com a dor e transformamo-la em amor.

Nesse sentido chamamos atenção mais uma vez, em relação ao espaço da afetividade em nossas vidas. O que desejamos aos outros perpassa antes, por aquilo que escolhemos para ser e viver, então o cuidado que nos remete à preocupação em relação aos filhos, nesse momento, é antes na verdade, a busca pelo compartilhamento de nossos valores, ideologias... Saúde integral significa preocupar-se com o físico, emocional e espiritual. Reconhecer a diferença, entre conteúdos que julgamos importantes, e necessários para nossa aprendizagem estão no mesmo diapasão¹, todavia aprender a lançar mão dos recursos oriundos dessa mesma aprendizagem, e vencer os desafios que a vida apresenta, esse sim é, papel da educação.

4. O Papel das Escolas

Necessitamos repensar educação, não por se tratar do século em que nos encontramos, e com a tecnologia que nos invade, mas por que educação se renova, como o amanhecer a cada dia. Não é possível pensar educação de forma egoísta, sem permitir que todos envolvidos no processo participem com ideias e diferentes saberes. O perigo da educação está na forma tendenciosa como cada qual pensa seu caminho. O educar é amplitude é construção é conjunto, e por mais “academicismos” que sejam e estejam a impregnar-lhe, nenhum estudo é melhor do que a vida. A escola precisa reconhecer, quando se afasta do senso comum e estagna-se no senso filosófico enveredando para o caminho do “*non sense*”, O conhecimento tem caráter fenomenológico e as escolas, não se percebem afastando do público alvo. Muitas escolas procuram mostrar o que produzem, ou adquirem ao longo de sua construção,

¹ Na literatura jurídica é muito comum usar a expressão "nesse diapasão", "nesse mesmo diapasão" para significar "nessa mesma linha de pensamento", ou seja, que o autor a ser referido está "afinado" com o argumento que está sendo apresentado, seguindo a mesma orientação. Em outras palavras, os pensamentos ou posicionamentos são harmônicos, isto é, não divergem entre si.

mas, não o produto daquilo que ouviram e fizeram àqueles a quem ouviu. Certamente a relação entre escola e comunidade ainda não foi efetivada. Com exceção de algumas escolas com propostas diferenciadas isso ocorre, mas o crédito dado a elas também segue o mesmo critério de exceção.

O fato é que nosso pensamento não evoluiu, porque também as escolas não contribuíram para as reflexões sociais, para as mudanças. A procura por escolas tradicionais é prova de que a combinação está exatamente, entre a tradição e a disciplina, ou conceito de “ensino forte”, o que ficou para algumas escolas aquém desse processo. Educação não é um conceito ideal e imutável. O que se entendia ontem sobre educação pode não mais ser válido hoje. Aurélio falava de integração; hoje falamos de inclusão, mas o que estimula nosso pensamento nessa seara é acreditar que muitas vezes a escola não é pesquisada pela família, por sua proposta pedagógica, mas por aquilo, que possivelmente, ela possa dar conta do que em tese, não está sendo possível no grupo familiar. É sabido que muitos pais dizem aos professores, mesmo que em tom “meio brincalhão”, que eles “família, não estão dando conta mais de ensinar, e reforçam que as crianças têm no máximo seis anos”.

O conhecimento é construído a partir das interações com o mundo. Esse processo é dinâmico e dialético, estamos sempre reformulando nosso conhecimento e interagindo com o mundo. Se isso nos parece lógico, por outra via, parece bem mais confuso, para os grupos sociais familiares. Muitas pessoas dispensam novos saberes justificando não ter saber algum anterior, e nessa trajetória optam por conhecer àquilo que está predisposto, e assim saberes novos, ficarão reservados aos grupos que “em tese” são conhecedores para isso. Voltamos então à ideia inicial, da qual nos revela profunda preocupação. Conhecer implica antes em disponibilidade, caso contrário a dimensão e consequência, sobre os acontecimentos estaria para nós, como em Sartre quando relaciona àquilo que a nós fizeram, mas que sem deferir a ação, não há valorização que sobreponha. O mais importante no momento é saber qual o direcionamento, que será dado àquilo que fizeram ou fazem conosco, seria menos drástico, do que optar por perpetuar com a vitimização, e com isso, a aceitação e o despreparo inevitáveis. Tem sido assim por um bom tempo, quando as ações sociais, principalmente as de cunho educacional passam pelas nossas vidas e não ao contrário. É pela troca do organismo com o meio, ou seja, através da ação adaptativa, que ocorre a construção das estruturas mentais. O sujeito interagindo no mundo, isto é, agindo sobre o mundo e sofrendo a influência da ação deste sobre si, está em constante processo de adaptação.

Hannah Arendt² faz uma diferença entre “know –how” e conhecimento e demonstra sua preocupação com a escravização pelo conhecimento, abandonando assim a capacidade de pensar. Em Heidegger, o florescimento de qualquer obra sólida, de qualquer meditar depende do seu enraizamento no solo de sua terra natal, e é exatamente esse poder que parece nesse momento tão ameaçado, ou fragilizado em nosso meio educacional.

Paulo Freire³ também se preocupa em apontar, o amor às pessoas, como fundamento e base nas relações de aprendizagem, e reitera que, gosta de ser gente precisamente pela sua responsabilidade ética e política em face do mundo e dos outros. Como objetivar ser, se os outros não são; sobretudo se impedimos que os outros sejam. Assim se, não houver disponibilidade para vislumbrar outros caminhos haverá prevalência pela satisfação com “qualquer” coisa, que se venha a aprender. Essa então será uma forma medíocre de ser ético, com os filhos privando-os de uma educação que contribua para o desenvolvimento pessoal, social e espiritual. O próximo assunto será em relação aos aspectos, mais importantes e significativos para escolha de escolas.

Quando ao embrenhar no pensamento de Heidegger a clareza, sobre o pensar leva às ações reflexivas, com boa dose de disposição à argumentação, e em consequência tomada de decisões, o pensamento se torna exercício à prática da consciência. Quando o tempo se faz único no presente há uma banalização de nosso exercício crítico, não há contextualização. Nessa dimensão será importante trabalhar nossas memórias, e então intensificar na temporalidade àquilo que julgamos mais real, mesmo distante. Que memórias recorreremos nós de nós mesmos, quando pensamos educação para outros, e quando esses outros são nossos filhos?

A consciência de acordo com Heidegger é um chamamento “*poder-ser-si-mesmo*”. E nesse sentido, essa grande possibilidade varia no tempo, com a formação e construção de nossas consciências, por isso é tão importante pensar nas ideologias que serão absorvidas na tenra idade, e que farão parte do recurso de memória num futuro que se deseja construir. Ainda em Heidegger é preciso retomar a capacidade da consciência, que serve para o chamamento de “*o si mesmo*”. Têm-se consciência daquilo que a nós é proposto? Se a virtude e o pensamento foram sendo construídos da forma que o alicerce suportou, por que tantos fatos errados no conjunto? Como trabalhar essa culpa? Da mesma forma que analisamos nossas ações construímos

² Arendt, Hannah. *A condição humana*. Forense, 2007.

³ Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

também nossos valores morais. Se antes existe uma obrigação que não deve, e não se constitui tendenciosa, sobretudo, aos fatos contraditórios de nosso dia a dia, o mais fantástico é que nossa identidade compreende-se no desafio dos conflitos morais que se apresentam em situações diferentes, em tempos diferentes, mas com a mesma raiz. E nessa perspectiva que nos ligamos à ideia de consciência moral.

Fazer escolhas é uma tarefa árdua, mas criar escolas é um trabalho de ideologias, de práticas educacionais que será necessário mais que profissionais com boa formação acadêmica será necessário pessoas que saibam ler o mundo interno, o seu mundo e as diferentes construções de mundo, que o tempo haverá de conferir. A temporalidade reside na forma mais dinâmica de educação. Os diferentes saberes que são, sobretudo, demasiadamente importantes, são na verdade algo mais do que conhecimentos pragmáticos, mas são formas diferentes de enxergar o mundo. Hoje as escolas certificam-se por um bom padrão de justiça, ética e moral, contudo essa trilogia, que é bem vinda, mas que deixa dúvidas, enquanto certificado de qualidade está inobservando a construção de ideias e memórias que foram desveladas desde a concepção. Ainda em pleno século XXI, o que encontramos são escolas massificadoras, que abduzem seus alunos com propostas pedagógicas também massificadoras, em que pese seus materiais igualmente massificadores e transformam crianças em cérebros tutelados.

Com a massificação dos tempos modernos, o consumidor de bens culturais não é apenas um ser passivo, ao contrário, ele é um ser reflexivo, nessa trajetória não deveria aceitar escolas que desenvolvam projetos e propostas em dissonância ao desenvolvimento do pensamento crítico. As escolas e famílias, não se apercebem de um fato deveras preocupante, Marcuse menciona que, em nossa sociedade, os veículos de comunicação de massa buscam atingir a todos e inculcar suas ideias fabricadas. A tecnologia, hoje, é bastante utilizada para a produção e difusão dos meios de comunicação de massa, mas caso não estejamos preparados para ouvir e assistir, participar, o objeto final será aceitar.

De acordo com as considerações do capítulo anterior, e fazendo a interlocução com o próximo fica a pergunta preambular: Quais os aspectos relevantes para escolha uma escola em texto até aqui dialogado?.

5. Aspectos fundamentais, para escolha de uma escola.

Conforme nos ensina Paulo Freire, ao estudar suas reflexões e ponderações saber, para quem se fala, o que se deseja com a fala inevitavelmente identificamos o indivíduo, como autor e criador da história e da cultura; um ser naturalmente pedagógico, histórico, incompleto, inacabado, que se faz humano na relação com o mundo histórico-social, e não alguém que precisa saber algo, que já não saiba quiçá ainda melhor.

Enquanto aos aspectos relevantes para escolha de uma escola neles estão, antes de qualquer coisa, a educação como ato e processo sociopolítico, uma situação gnoseológica⁴, a ser estudada, em que as pessoas, mediadas pela realidade histórico-social, em relação dialógica umas com as outras e em permanente leitura analítico-crítica superem a pobreza política e a consciência ingênua.

A segunda preocupação com a proposta educacional nas escolas deve estar alinhada àquilo que vise formar o indivíduo para a autonomia. Deve fomentar nos educandos a curiosidade e a criticidade. Um modelo de atenção deverá pressupor a ideia de construção do pensamento coletivo e individual ao mesmo tempo. Não é possível manter uma ideia fragmentada sobre educação, como se esse processo sugestionasse descaso com a rigorosidade. Mesmo que um modelo seja escolhido, ou instaurado em uma unidade escolar, ele deverá ser constantemente reavaliado diante das necessidades que não de surgir frente às subjetividades. Para Paulo Freire "Pensar certo significa procurar descobrir e entender o que se acha mais escondido nas coisas e nos fatos que nós observamos e analisamos". E uma das condições necessárias a pensar certo, é não estarmos demasiado certos de nossas certezas. (FREIRE, 2000, p. 30).

De forma ontológica presente no discurso pedagógico é preciso encontrar de forma clara o objeto da educação, caso contrário será discurso sem proposta, estará sendo tratada uma categoria qualquer de ser, mas não o "**o ser enquanto ser**". A preocupação deve ser sempre, com a forma de compreender esse ser, não como produto de trabalho, como uma mera atividade fim, mas como sujeito com necessidades de ascensão à felicidade. É no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética, que se impõe

⁴ Trata-se do estudo do conhecimento, gnose = conhecimento, logia = estudo. Pensando nesse conceito aliado ao mito da caverna de Platão podemos pensar que: Inicialmente, acostumado à escuridão, esse educador fica mais cego ainda, quando se dirige à luz (novos conceitos). Leva alguns minutos para se acostumar ao novo mundo, tão claro e enxergar tudo como realmente era.

a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível (FREIRE, 1996:20).

Como terceiro aspecto abordar, a questão do sentido da palavra aprender. O que podemos aprender? Qual a forma melhor para que a aprendizagem ocorra? O que queremos que nossos filhos de fato aprendam. Quando é possível aprender? Nessa demanda a tarefa é, ater aos conteúdos programáticos, e a eles sobrepesar a importância da informação, ou considerar que, sobre liberdade de expressão, de trabalho com currículo oculto a aprendizagem se torna fluente? Há razão e espaço para conteúdos chamados “fortes”. Qual é a melhor organização, para aprender a aprender?

Aprender a pensar requer de todo profissional envolvido com educação, clareza na concepção de liberdade. O que certamente dificulta para muitos é, quando o ser precisa autoridade, e é nesse instante, para muitos que o regime autoritário vem disfarçado de disciplina. Entre tantas reflexões, em meio a trinta e três anos de magistério, pergunto, talvez em “tom” de ecolalia: Porque se macula a informação e formação tão necessárias na tenra idade, e depois diante de tantos aplicativos surge o imperativo em corrigir os erros das crianças que foram concebidas em material conflitante? É preciso aprender a fazer a leitura do momento, e isso se faz com muita observação, leitura de hábitos, conhecimento de si mesmo. Um dia de cada vez deverá ser a tônica, até mesmo, porque os dias não nascem todos ao mesmo tempo. Um dos pontos cruciais é a autoanálise, verificação da carga de preconceitos, e atitudes vividas. Não há forma melhor para compreender o mundo, do que começar observando, como está sendo construído nosso pequeno mundo interior de educadores

Depois então de passar pela compreensão do ser político, das ideias que subsidiam a construção desse ser, considerando ainda, a autonomia do indivíduo dirigindo-se, para a construção das competências do aprender, com liberdade, e pensando na composição dos conteúdos programáticos e última sugestão até então desenhadas para escolha de uma escola e sua metodologia e ideologia. Seu raio X educacional. Que caminhos serão utilizados, doravante em busca dessa propositura?

As escolas muitas vezes apresentam teorias bonitas, de evolução humana, e de compreensão do indivíduo para sua experiência e leitura de mundo, todavia, quando essa teoria acaba no discurso e começa uma prática dicotômica a falência educacional começa a se instalar.

O mais importante é fazer uma análise pessoal, trabalhar todas as necessidades, vontades e anseios pessoais, e tratar a memória com serenidade, mas com acuidade que ela merece. Fazer das experiências um trabalho educativo das aprendizagens vivências, e que, sobretudo haja responsabilidade, com quem de nós merece atenção.

Considerações Finais

Muito se tem falado sobre educação, penso que de forma secular. O homem inventou a roda, passou por diversas fases históricas, mais conseguiu sistematizar os fatos, por meio da invenção mais inacreditável até hoje, que foi a escrita.

Há naturalmente que considerar a crítica em contrapartida, acerca da visão pessimista de Bourdieu⁵, sobre a escola, mas também cabe ressaltar que nem sempre as desigualdades sociais se reproduzem apenas no ambiente educacional, mas infelizmente são agravadas e perpetuadas, pelo atenuante pessimismo ideológico.

Todo programa escolar com o qual se pretenda obter resultados de aprendizagem, tem antes como condição *sine qua non* estabelecer conexões sociais, sem deixar de avaliar a realidade, em que o universo em estudo se encontra.

Não há democracia efetiva sem um verdadeiro poder crítico.

É muito importante estar atento, para alguns modismos que surgem diante da sociedade em relação ao processo de educação.

Considerando a importância do método socrático retomemos a importância da dialética, e da investigação filosófica, na composição da base conceitual, ou ponto de partida para construção de um programa pedagógico escolar, pois é nessa tessitura que as argumentações, as antíteses serão estabelecidas e geradoras de novas teses.

Segundo Vitor Morgensztern (1998), quando é apresentado publicamente profissionais à sociedade, as pessoas contam com esses conhecimentos específicos

⁵ Bourdieu sociólogo francês traz uma reflexão muito importante quando, detecta mecanismos de conservação e reprodução em todos os campos da atividade humana, entre eles o sistema educacional.

adquiridos. Cria-se uma expectativa, em torno do desenvolvimento das habilidades organizacionais. O curioso é que, para o convívio social e para o desenvolvimento pessoal, também se espera que cada um saiba como proceder. Por exemplo: Como trabalhar em grupo? Como se comportar? Como conviver com quem não se escolheu? Como colaborar com pessoas estranhas?

Tais comportamentos, ou saberes é o que se espera do coletivo, mas essas questões não são trabalhadas nos currículos escolares. Aprender a conviver é algo que se vive em separado do programa escolar, pois a “pré” ocupação com a informação é, ou tem sido sempre maior que a formação, mas o que poucos sabem é que o desenvolvimento das competências emocionais é que alicerçam as diferentes inteligências. Enquanto indivíduo, muitos momentos são cobradas respostas, sem nunca tê-las estudado! Tudo isso porque não se vive na escola o significado da escola, que foi durante, boa parte instaurada dentro de nós, de forma atemporal. O indivíduo é capaz de desenvolver-se solitariamente, mas é no convívio, e, sobretudo, nele, que é possível encontrar novas soluções para continuar o seu próprio desenvolvimento e contribuir para o desenvolvimento ao seu redor, numa relação de alteridade. Faz parte desse movimento de construção de saberes o processo de “antinomia”.

A preocupação, em se tratando dessa temática tão especial, reverbera em culpas e tensões pessoais, ou outras questões que remetem ao passado presente, impedindo novas experiências, e mesmo sendo únicas em nossa vida, não são sempre parâmetros para construção de outras vidas. Refletir junto a Filosofia sobre essa questão imanente, é pensar na educação, de maneira mais sólida, substancial à vida, não se ensina apenas aquilo que se sabe, nem aquilo que se quer ensinar. Ensina-se aquilo que se é. Não é possível ser mediador do pensamento, enquanto educador nega-se ao pensar.

Tendo como fonte de inspiração o Art. 1º da lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Declaração de Jomtien⁶ e o Relatório Aprendendo a Ser e Conviver (UNESCO) pode dizer que o conhecimento tem dez funções na vida das pessoas:

1 Continuar aprendendo

⁶ Documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada na cidade de Jomtien, na Tailândia, em 1990, também conhecida como Conferência de Jomtien. A Declaração fornece definições e novas abordagens sobre as necessidades básicas de aprendizagem, tendo em vista estabelecer compromissos mundiais para garantir a todas as pessoas os conhecimentos básicos necessários a uma vida digna, visando uma sociedade mais humana e mais justa.

- 2 Produzir novos conhecimentos;
- 3 Ser mediador de conhecimentos;
- 4 Participação na comunidade;
- 5 Aquisição de competências e habilidades;
- 6 Projeção do futuro;
- 7 Compreensão do passado;
- 8 Poder de decisão;
- 9 Alteridade;
- 10 Relação intrapessoal.

Segundo Kuhn, (1994) na manufatura, como na ciência, a produção de novos instrumentos é uma extravagância reservada para os momentos de crise. “O significado das crises consiste, exatamente, no fato de que chegou a ocasião de renovar os instrumentos”. Para o sucesso na implantação de um projeto pedagógico, não é necessário esperar os tempos de crise, mas mostrar que, ao contrário do que muitos imaginam, que extravagâncias é o processo linear de formação, e permite formas mais assertivas no trabalho. Mas, isso requer dos operadores desse programa equilíbrio, e controle emocional, para que não haja desistência na primeira adversidade.

A teoria em si não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma. Entre a teoria e a atividade prática transformadora, se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação. (Vasquez,1977).

Só quem se dispõe a conhecer a realidade e acredita no potencial transformador do conhecimento, faz algo para aprender. Só quem é cidadão pleno promove o desenvolvimento da cidadania. (Guiomar Namó de Mello; s/d)

Finalizando a conversa e lembrando nosso querido Ruben Alves. Há escolas que são gaiolas, e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Há Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros.

O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. As escolas podem encorajar, pelo conhecimento, o potencial para reflexão está dentro de cada um.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, S. M. Histórico do atendimento a criança e ao adolescente. São Paulo: 2002.

ALVES, Rubem. O decreto da alegria. São Paulo: Paulus, 2004.

ANTUNES, Celso. Revista Educação, Edição 100, 2005.

ARANHA, M. L. ; MARTINS, M. H. P. Filosofando – introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1999.

ARENDT, H. A condição humana. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CANAU, V. M. Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores. In CANAU, V. M. (org.). Magistério: construção cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAUI, M. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1980.

DELLORS, J. (et alli). Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1998.

_____. Conhecer & aprender: sabedoria dos limites e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, P. Política e educação. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. História social da infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 1999.

INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In Melillo, A OJEDA, E. N.S. (Orgs). Resiliência descobrindo as próprias fortalezas. Tradução Valério Campos, Porto Alegre: Artmed, 2005.

KUENZER, A. et. al. Planejamento e educação no Brasil. São Paulo: Cortez, 1993.

LIPMAN, M. M. O pensar na educação. Tradução de Ana Luiza Falcone. Petrópolis: Vozes, 1995.

MAKARENKO, A. Poema pedagógico. São Paulo: Editora 34, 2005.

PACHECO, J. A. Currículo: teoria e práxis. Porto: Porto Editora, 1996.

SACRISTÁN, J. G. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

XAVIER, A. C. da R. Gestão Educacional: experiências inovadoras. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 1995.